

ECOS

TEMPO CERTO

Chuva, seca, frio e calor comandam o ritmo da natureza, mês a mês

JUNHO

Trabalho em equipe

Na região Norte, onde as ondas de frio polar não alcançam a fauna, são várias as espécies que se reproduzem em junho. Entre os mais curiosos estão os 10 a 12 pequenos papamoscas, que andam em bandos mistos organizados. Cada bando tem um casal de cada uma das 10 espécies. Eles não brigam entre si porque se alimentam em 'andares' diferentes da mata: no chão, nas moitas baixas, nos galhos médios, nos galhos mortos, nos troncos, nas copas das árvores. Cada casal do bando misto organizado defende seu território contra outros casais da sua própria espécie. E eles chegam a ter uma ou duas espécies 'vigias', que cuidam de avisar todo bando em caso de intromissão de estranhos em seus domínios! São os ipecuás (*Thamnomanes caesius*) e os uirapurus-de-garganta-preta (*T. ardesiacus*), cuja especialidade é capturar os insetos que escapam do resto do bando e, por estarem sempre em movimento, são os primeiros a localizar o perigo.



CARLOS ALBERTO CONTINHO

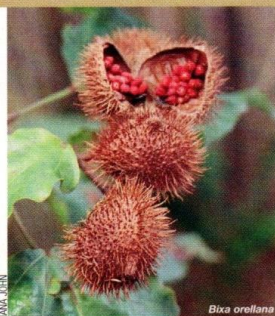
Ninho temporão

O clima de fim de outono não é o ideal para chocar ovos nem há fartura de alimento para criar os filhotes, mas, em locais protegidos, alguns beija-flores ainda estão atarefados em volta de seus ninhos, em pleno início de junho. A fêmea de beija-flor da foto construiu seu ninho em maio, nas folhas de uma samambaia, dentro de uma garagem na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, interior paulista. Dos dois ovos postos,

nasceram dois filhotes, mas um caiu do ninho e morreu. Depois caiu o ninho, talvez por que a folha escolhida fosse frágil demais para suportar o peso do filhote já crescido. Mas o ninho foi recolocado no lugar pelos donos da casa, Márcio e Alexandra Leone, e a amarração da ave ganhou o reforço de um barbante, suficiente, esperamos, para manter o ninho temporão no lugar até o filhote poder voar.

Pé-de-tintura

Corante de alimentos e principal tintura usada pelos índios para a pintura corporal, o urucum (*Bixa orellana*) agora está em ponto de colheita. As sementes vermelhas são retiradas do fruto espinhoso que, muitas vezes, se abre sozinho, e misturadas aos mais diversos tipos de óleos e gorduras, para compor as tinturas. A planta ocorre na Amazônia e na Mata Atlântica e vem sendo utilizada em projetos de agro-silvicultura como uma espécie que produz rápido e dá retorno econômico. Também serve para reflorestamento de áreas



degradadas por ser muito rústica. Em fitoterápicos, o extrato de suas folhas apresenta uma curiosidade: se preparado com água causa espasmos, se preparado com álcool é anti-espasmódico. As raízes pulverizadas são utilizadas contra pressão alta e as sementes, além de colorir os alimentos, podem garantir uma boa dose de vitamina A.

Fim do cambucá, início da cabeluda

Duas frutas da Mata Atlântica destoam da maioria ao produzir no fim do outono e início do inverno: o cambucá (*Plinia edulis*) e a cabeluda (*Eugenia tomentosa*). Da mesma família que a jabuticaba – Myrtaceae – o cambucá também dá no tronco e no meio dos ramos da árvore, que alcança até 10 metros de altura. O fruto tem o formato da jabuticaba, mas é bem maior e amarelo. A casca é azeda, mas a polpa é doce, muito apreciada por aves, mamíferos, e crianças (de todas as idades!). A frutificação, no entanto, é bem rápida: dura duas a três semanas,



se tanto. E se dá entre meados de maio e início de junho, dependendo da exposição de cada árvore ao sol. A cabeluda é outra fruta da mesma família e com a mesma característica de nascer grudada no meio dos ramos e não na ponta. Quase não tem polpa e sua casca é recoberta por 'pêlos' esbranquiçados, de onde vem seu nome popular. A floração termina entre maio e junho e as frutinhas são uma das poucas alternativas disponíveis para a fauna durante o inverno. No litoral sudeste, a amenidade do clima garantida pelo oceano permite a frutificação dos chapéus-de-sol (*Terminalia catappa*), muito apreciados por diversas espécies de morcegos frugívoros, que ainda apreciam as frutinhas de clitória (*Clitoria racemosa*).

Frio relativo

Se junho parece frio demais para algumas espécies nativas, pode parecer quente para animais que vivem no Cone Sul. É o caso das narcejas (*Gallinago gallinago*) que aparecem no Rio Grande do Sul por esta época, em busca de alimento nas lagoas rasas da plataforma continental gaúcha. A espécie é conhecida por seu vôos nupciais, que ocorrem na primavera, quando emitem um som semelhante ao balido das cabras. Mais raras, chegam igualmente para passar o inverno as calhandras-de-três-rabos (*Mimus triurus*). Espalham-se por todo o Sul e Sudeste em áreas abertas, com arbustos, de onde voam até o chão para apanhar insetos. Parentes argentinas dos nossos sabiás-da-praia, as calhandras pertencem a uma família cujo belo canto e capacidade de imitar outras aves condenaram muitos membros à gaiola.

Peixes que 'hibernam'

Peixe não é urso, mas muitos deles parecem que hibernam, como o mamífero, nesta época. Reduzem a atividade de caça e, se não desaparecem, escondem-se bem. Portanto, se o frio chegar como indica o calendário das estações, é melhor o pescador ir atrás dos peixes de água fria, como o black bass e a truta arco-íris, espécies introduzidas que se adaptaram bem no Sul e no Sudeste. Das espécies brasileiras, a época é boa para o piavuçu, no Pantanal, e para o piau, que ocorre em todas as bacias e, se rearar no Sul e Sudeste por causa do frio, pode ser achado nas regiões mais quentes. Onde os rios estiverem baixos, vale jogar as iscas para cachara, cachorra e dourado. Na água salgada, junho "fecha" o melhor semestre para pescaria. Além dos peixes que ocorrem desde janeiro, o mar também tem seus "peixes de inverno": enchova, sororoca, cavala, bijupirá e garoupa. As maiores garoupas aparecem no litoral de Santa Catarina, em especial nos meses de abril, maio e junho. Boa ocasião para a pesca esportiva da "prima" do mero e para a observação do gigante do mar, cuja pesca está proibida até 2007.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI

